

O GRANDE CAGLIOSTRO

Comédia em 5 actos de CARLOS MALHEIRO-DIAS, extraída do seu romance homónimo. Publicada em 1912. Representada pela primeira vez no Teatro D. Amélia em 30 de Outubro de 1905.

[...]

3 cenas: o gabinete de Pina Manique, na Intendência, em estilo Luís XVI (1.º, 4.º e 5.º actos), a sala das Telhas, no palácio de Queluz (2.º acto), os aposentos de Cagliostro na hospedaria do Neutral (3.º acto). Lisboa, 1787.

Ao longo de cinco actos em que se reconstitui o clima conspiratório e policiesco do reinado de D. Maria I, e através de uma acção extremamente movimentada e fértil em incidentes, assiste-se a uma verdadeira partida de xadrez entre o Conde de Stefanis, aliás Conde de Cagliostro, aliás José Bálsamo, espião, aventureiro, alquimista, mágico e charlatão, e o Intendente Pina Manique, durante a breve passagem daquele por Portugal. Partida em que são peças importantes a mulher do Conde, Lorenza Feliciani, cortesã de cujos encantos Cagliostro se serve sem escrúpulos para atingir os seus fins, e o príncipe D. José, para quem «ser rei de escravos e pedintes é uma glória pequena» e que, por isso mesmo, sonha com «uma corte sem frades, sem espiões, sem ministros decrépitos, sem pragmáticas absurdas, sem confessores e sem intrigas». Mas Lorenza, que, para satisfazer as ambições desmesuradas do marido, partilhou a alcova de monarcas e cardeais, desta vez não atende às instruções do marido nem cede aos desejos do príncipe, porque o amor que por ele sente lhe dá uma renovada pureza. E os planos de Cagliostro, que astuciosamente consegue iludir as várias ciladas que Pina Manique lhe prepara, acabam por ficar destroçados – só porque na partida entre ambos travada um elemento inesperado, o amor, veio perturbar as regras do jogo.

Luiz Francisco Rebello. *100 anos de teatro português (1880-1980)*. Porto: Brasília Editora, 1984, p. 202.

Autorização de utilização por despacho de 28/06/2017 emitido pela Senhora Diretora Geral do Património Cultural Arqtª Paula Silva.